

## OUVIDORIA CIENTÍFICA<sup>1</sup>

Luiza GLÓRIA<sup>2</sup>

Luiza LAGES<sup>3</sup>

Pedro Igor ALVARENGA<sup>4</sup>

Nísio TEIXEIRA<sup>5</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

*Ouvidoria Científica* é um programa de rádio que aproxima a vida cotidiana da academia, discutindo ciência e teoria em pílulas diárias. Neste projeto, trabalhamos nossas formações em jornalismo, radialismo e publicidade e propaganda para engendrar um produto experimental, abrindo portas a novos formatos e modelos de informação na mídia brasileira. Embora seja um produto pioneiro, o programa *Ouvidoria Científica* resgata a origem do rádio ao pensá-lo como veículo para educação do povo brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio; ciência; teoria.

### 1 INTRODUÇÃO

Em 1986, foi realizada uma pesquisa pelo Gallup sobre “O que o brasileiro pensa da Ciência e Tecnologia”, que fazia a seguinte pergunta: “Neste cartão estão os vários campos de atividades científicas. Em quais você acha que o governo deveria gastar menos do que gasta anualmente?”. A prioridade na contenção dos gastos públicos, com relação à pesquisa científica e tecnológica foram os programas espaciais, com 62%. A diferença para o segundo colocado foi significativa: a energia nuclear teve 54% dos votos.

Oliveira (2007) explica que, em 1980, quando o Brasil começou a construir o seu primeiro satélite, o mundo ainda não era interligado por uma rede de computadores que utilizam satélites para suas comunicações. Segundo a autora, se o Brasil tivesse esperado mais tempo para iniciar um programa de desenvolvimento de satélites, hoje seria apenas um usuário da tecnologia espacial, sem nenhum poder de barganha, como é a situação de muitos países.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Programa laboratorial de rádio.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e recém-graduado do Curso Comunicação Social, habilitação radialismo. Email: [lolisgloria@gmail.com](mailto:lolisgloria@gmail.com).

<sup>3</sup> Recém graduado do Curso Comunicação Social, habilitação radialismo. Email: [luizalsramos@gmail.com](mailto:luizalsramos@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Email: [pidalvarenga@gmail.com](mailto:pidalvarenga@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor do departamento de Comunicação Social da UFMG, orientador do projeto: [nisiotei@gmail.com](mailto:nisiotei@gmail.com)

“A tecnologia e as aplicações espaciais estão hoje arraigadas no cotidiano das sociedades, e por meio delas assistimos ao advento de um mundo globalizado - a chamada aldeia global, preconizada por Marshall McLuhan, na década de 1970” (OLIVEIRA, 2007, p. 60).

Apesar desta área despertar o fascínio das pessoas, é esse mesmo fascínio que distancia a tecnologia espacial do cotidiano delas. E a divulgação científica entra neste espaço: tornar estes conceitos tão plásticos e atrativos, vívidos, aplicáveis às nossas vidas. Não só para as pesquisas espaciais, mas para todos os estudos científicos propostos, sejam em biologia ou ciências sociais.

A proposta do *Ouvidoria Científica* entra neste nicho de atuação. Queremos, antes de tudo, fazer com que os conceitos e dizeres do campo teórico se tornem palpáveis. O objetivo é aproximar os livros, a academia ao público leigo e abrir as portas de um espaço que existe não só para teorizar sobre o mundo, mas também para fazê-lo evoluir. A base da evolução científica, de pensamento, tem seu cerne na academia, na análise, desenvolvimento e repercussão de novas e velhas ideias que transformam constantemente o mundo à nossa volta. Só precisamos entender como.

Assim, o *Ouvidoria Científica* se constitui como um programa de rádio sobre ciências. Leva ao meio de comunicação de maior alcance no Brasil uma fração do conhecimento acadêmico. Apresenta à sociedade uma programação alternativa, rica em informações e experimentalismo. O conteúdo passa muito além da ideia de ‘educação pelo rádio’. São pequenas pontuações diante das obras de grandes teóricos, mas com grande relevância ao que se propõe: disseminar conhecimento.

Partindo de conceitos de nosso patrono, o teórico da comunicação Marshall McLuhan, moldamos o programa. A não linearidade dos recursos, diálogo entre as mídias, associações subjetivas e a contínua necessidade do pensamento acompanham a execução das séries.

## 2 OBJETIVO

Realizar um programa de rádio que trate de teorias científicas aplicada ao cotidiano para ser veiculado em rádios educativas, a começar pela parceira, Rádio UFMG Educativa:

- Produção de séries completas de 5 (cinco) programas sobre 4 (quatro) teóricos diferentes, de variados campos de atuação;
- Elaborar vinhetas específicas para cada série e uma vinheta geral;

- Levantar recursos sonoros variados;
- Executar a locução dos programas;
- Editar os programas.

### 3 JUSTIFICATIVA

Antes de tudo, somos ouvintes de rádio. Gostamos de ouvir e de fazer rádio e, sendo assim, nosso percurso acadêmico desenvolveu-se boa parte no meio. Passamos por várias etapas da formação de um produto radiofônico, como produção, redação, programação musical, locução e apresentação. Durante toda a graduação trabalhamos nossa afinidade e preferência pela produção sob um viés jornalístico em estágios e disciplinas teórico-práticas.

Dessa forma, o programa não consegue se descolar dessa característica: o ‘fazer jornalístico’, processo adquirido durante o curso de Comunicação Social, foi o instrumento usado para materializar o ‘conhecimento’ presente na série. Foram colocados em prática os tramites da apuração, edição, redação. O processo informativo foi conjugado com resoluções sonoras e estéticas. Estamos experimentando uma linguagem em um meio pouco explorado e que, ao mesmo tempo, não se esgota. O rádio admite diferentes formatos, linguagens e conteúdos, demandando apenas recursos técnicos, que são bem acessíveis.

Conjugando nosso perfil com uma demanda nos meios de comunicação social, chegamos até a série *Ouidoria Científica*. A ciência tem pouca evidência no rádio brasileiro. Devido à pouca especialização dos jornalistas e o foco nas chamadas *hardnews*, a ciência na mídia hoje é limitada à cobertura das agências de notícias. *Ouidoria Científica* é uma forma de suprir essa demanda falando de ciências através das suas raízes – as teorias.

Sendo assim, *Ouidoria Científica* cumpre uma função social alcançando o tripé da Universidade Federal de Minas Gerais – ensino, pesquisa e extensão – e o tripé da Rádio UFMG Educativa – visibilidade, alternativa e formação –, para a qual intencionamos a veiculação do programa. A ideia é levar a teoria para além dos muros da academia de forma rica, dinâmica e interessante. Além disso, fica evidente que a proposta do programa não deixa de ser uma vontade nossa de aprender sobre tudo isso.

### 4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

#### 4.1 Metodologia e revisão bibliográfica

A produção do *Ouvidoria Científica* demandou uma revisão bibliográfica sobre o rádio, rádios educativas, linguagem radiofônica, jornalismo científico e o som, que foi efetuada através da análise de autores diversos, empreendendo uma visão voltada para a construção de noções que sustentam o programa. A partir desta leitura, foi determinada a linguagem a ser trabalhada nos programas; a formatação do conteúdo; a confecção e utilização de recursos sonoros; e, finalmente, a estrutura que viabiliza e é a chave para a efetivação do programa.

Brecht (1932) aconselha os diretores de rádio a fazer deste um veículo efetivamente democrático. Ele exemplifica tal democracia, falando que o rádio deve “se aproximar mais dos eventos reais com os dispositivos e não se limitar unicamente à reprodução ou à informação” (BRECHT, 1932). As rádios educativas parecem ter sido concebidas seguindo exatamente a esse modelo de Brecht. De acordo com Pimentel (1999), as emissoras educativas foram criadas com propósitos científicos e sociais.

A partir dessa noção de rádios educativas, foi feita uma análise e leitura histórica da Rádio UFMG Educativa e dos programas transmitidos pela emissora, em um esforço para nortear os pilares do projeto, responsáveis pela percepção de um público, caracterizado como não segmentado, e de um escopo de produção aliado à conformação que caracteriza a rádio e a Universidade. A emissora em questão possui sete anos de existência e mantém ainda a estrutura montada em 2005. Além de conjugar as diretrizes e princípios da UFMG, a rádio tem sua base em três pilares: formação, visibilidade e alternativa. Assim, é importante ressaltar que além da conformação que norteia uma rádio educativa, essas diretrizes são ainda complementadas pela experimentação. A rádio foi criada para ser um espaço de criação do novo, uma alternativa ao tipo de programação oferecida pelas outras emissoras da cidade. Experimentar novos modelos foi fundamental para definir a rádio da forma que ela é atualmente.

Tal característica, a experimentação, é inerente à história do rádio, quando os novos meios tecnológicos provocaram uma abertura da programação para uma larga gama de vozes e de discursos, adicionando conteúdos e reformulando o rádio, mais uma vez, fase em que surgem os canais educativos. De enunciados autônomos, o conteúdo passa a fazer parte de

um enunciado maior que tem outro autor, outra intenção, outra leitura, outra relação com a realidade (MEDITSCHE, 1997).

Apesar das rádios comerciais existirem com base principalmente na combinação de música a informação, os outros formatos existem e se reinventam (FARIAS, 2011). São passíveis de experimentação em canais que se prontificam a tal, principalmente as rádios educativas, comunitárias e aos sistemas de podcast. Junto às diferentes configurações de formatos radiofônicos, há uma adequação da linguagem, que se diversifica. O rádio, seja comercial ou educativo, fala para todos, do leigo ao especialista. O meio permite que coloquemos no ar um programa sobre teorias, das mais diversas possíveis, ajudando a engrossar o (fino) lado de produção e programação científica na mídia brasileira.

Bueno (1984) divide a divulgação científica em duas esferas: a difusão que é feita para especialistas e a que envolve o grande público. Para ele, a segunda divisão pressupõe um processo de recodificação, através da transformação de uma linguagem notadamente científica e especializada em uma linguagem mais coloquial e, assim, torna o conteúdo acessível ao público geral. É dessa forma que a divulgação científica leva ao leitor um conteúdo mais abrangente.

Uma vez que é necessária uma base teórica para fazer sentido à maior parte dos conceitos trabalhados nas reportagens de ciência e, por tentar atingir um público amplo, que não necessariamente apresenta essa base, os jornalistas usam alguns conceitos exemplificados e embasados pelo cotidiano. De uma forma que não só permite o entendimento, mas que também apela para o que seria de interesse desse público. Segundo Krieghbaum (1970), as pessoas tendem a buscar a ciência que vai de encontro direto à sua realidade, e a que encontram maior finalidade prática.

Assim, para o segmento constituído por ouvintes de uma emissora educativa, existem predisposições específicas, ligadas, por exemplo, à expectativa de um conteúdo mais aprofundado, que eduque. Desse modo, é possível inferir que existe uma abertura e até mesmo expectativa por um discurso jornalístico de ciência (linguagem e conteúdo) que seria mais didático e explicativo, como de fato é o que se nota em diversos programas da Rádio UFMG Educativa.

E é a partir desta configuração conceitual, que acreditamos que chegamos ao formato do *Ouidoria Científica*, um programa novo, experimental, que conjuga as características que permeiam o rádio educativo, o jornalismo científico e, acima disso, dispostos dentro do funcionamento de uma emissora ativa, a Rádio UFMG Educativa.

#### 4.2 Técnicas de produção

Quando a informação é densa e extensa, como é o caso das teorias e pesquisas desenvolvidas por um pesquisador de renome acadêmico com peso histórico, é necessário trabalhar esse conteúdo em etapas, como em um livro dividido em capítulos. Como o *Ouidoria Científica* trabalha exatamente com esse tipo de informação, pensamos o programa como uma série, que divide as informações em capítulos independentes, mas que traduzam o sentido geral dos estudos como um todo. Assim, acompanhando a necessidade expressa de dividir, veio a necessidade jornalística de pautar o que seria e será desenvolvido.

A base surgiu através da experiência com o teórico canadense Marshall McLuhan. A ideia era que os programas deveriam abordar algumas das principais teorias, considerações e conseqüências do trabalho do teórico, indo de encontro às características da Internet. Pautar os conceitos de McLuhan significou engendrar todo o programa *Ouidoria Científica*. Foi mapeando o teórico da comunicação que vimos que uma série de cinco programas não consegue esgotar todos os estudos de uma personalidade. Era preciso escolher um viés de trabalho e, no caso, escolheu-se a internet.

Assim, ficou evidente como aplicar ao cotidiano torna fácil ilustrar tais conceitos para o ouvinte. A partir dessa idéia de retirar cinco ideias norte das teorias do pesquisador, e de mostrá-las de forma a ilustrar não só o conteúdo veiculado, mas também a formatação da série, baseada em sua percepção de mundo, construímos a pauta dos programas. A base para compreender como deveriam ser pautadas as demais séries do *Ouidoria Científica* surgiu dessa noção inicial na produção da série “Da Galáxia de Gutemberg a Galáxia da Internet”. Mas foi necessário então listar, relacionando a vias de aplicação, outros teóricos que poderiam ser trabalhados seguindo uma linha próxima à criada pela série anterior. Constituíram-se, assim, as demais séries produzidas, incluindo “O Universo de Einstein”, “A semiótica de Peirce” e “O Inconsciente de Freud”.

O formato das séries, assim como a edição, dialoga com as teorias de McLuhan, pois se baseiam nos recursos sonoros encontrados na web para ilustrar os conceitos aos ouvintes. Tal ação é feita também no sistema de colcha de retalhos, que consiste em pegar um pouco de conteúdo em diversas fontes para construir um conjunto coerente e coeso de informações. Isso acontece na própria série dedicada ao teórico da comunicação. São entrevistas, falas do próprio teórico, áudios extraídos da internet, músicas, textos, sons.

A última fase da produção da série foi a locução e montagem dos programas. Os trabalhos técnicos também foram feitos pelo grupo. O recurso técnico utilizado foram os editores de áudio Sony Vegas e Sony Sound Forge, usados pela rádio UFMG Educativa e também diversas outras rádios do mundo.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

### 5.1 Nome

Propomos para o programa o nome de “Ouvidoria Científica”. A definição óbvia da palavra ouvidor é alguém, um sujeito que ouve. Além disso, uma das funções do cargo chamado ouvidor, é o de ser um representante do cidadão, além de atuar na prevenção e solução de problemas. A partir desses significados escolhemos o termo “Ouvidoria”. Primeiramente pelo fato de ouvir, já que trabalhamos aqui com um programa da rádio, além também de solucionar problemas, ou seja, explicar ao ouvinte, de forma clara e específica, teorias e teses de cientistas que muitas vezes não são totalmente entendidas. Já a palavra “Científica” diz respeito exatamente a esses cientistas e teóricos que são abordados nas séries de programas.

### 5.2 Formato

*Ouvidoria Científica* é um programete radiofônico de veiculação diária (de segunda a sexta-feira). O formato “programete” se configura desta forma, por ser um programa mais curto, no caso, com duração de 5 a 7 minutos, e que se insere na programação entre ou durante programas. A proposta é que *Ouvidoria Científica* apareça na grade da Rádio UFMG Educativa em conformação com a programação habitual da emissora, sem afetá-la.

A proposta é que o programa seja produzido em séries semanais, de cinco programas que tratem de um mesmo teórico. Assim, é possível trabalhar com mais tempo e profundidade o

conteúdo dos pesquisadores, dividindo suas ideias em cinco núcleos centrais. Obviamente, essa divisão e o fato do programa partir de aplicações das teorias faz com que o conteúdo selecionado e trabalhado parta de escolhas e formas de tratamento mais específicas, formatadas e pensadas como a melhor forma de cumprir o objetivo de informar sobre os principais conceitos trabalhados pelos teóricos, do melhor jeito de explicar e aplicá-los.

***Ouvidoria Científica*** é um programete informativo e assim se configura pela fala, pela locução. Sua estrutura compreende o uso da vinheta geral, a vinheta específica da série e a combinação de fala e recursos sonoros, incluindo músicas, que ora são usadas como BG, ora como ilustração ao conteúdo. Os efeitos sonoros são recortados de material de áudio ou vídeo que se relacione ao tema trabalhado, mas a sua colocação no programa independe de explicações sobre o seu uso. Ele deve existir como ilustração e deve ter sua existência auto-explicada, sem a necessidade do texto do programa abordar a razão de ter sido usado.

Outro recurso amplamente empregado é o Povo Fala, com a intenção de que as idéias, pensamentos e discursos das pessoas (leigas ou que não sabem ao certo para o que se tratam as perguntas feitas) aproximem os conceitos trabalhados do cotidiano. Uma vez que qualquer um pode falar ou dar uma opinião sobre o assunto, na maioria das vezes é um a forma de demonstrar que as teorias partem de noções que existem no dia a dia.

### **5.3 Vinhetas**

Como as séries são semanais, na montagem dos programas optamos por aplicar vinhetas que possibilitassem que o ouvinte pudesse identificar de quem estamos tratando naquela semana específica. Por isso, a cada semana uma vinheta diferente é veiculada para explicar que estamos tratando do mesmo estudioso. Mas o que define que esse trabalho faz parte do programa “Ouvidoria Científica”? A vinheta principal de abertura. Essa serve para orientar ainda mais o ouvinte, mostrando que aquele trabalho veiculado faz parte de um programa maior.

### **5.4 Séries – a produção dos programas exemplificada pela série Marshall McLuhan**

A primeira série, ‘Da Galáxia de Gutemberg para a Galáxia da Internet’, foi o nosso laboratório de experimentação das montagens dos programas. Foi o nosso momento de descobertas em relação ao formato e linguagem, e, a partir daí, pudemos produzir os outros roteiros. Para esta série, agrupamos sons, produzimos sonoplastias e forjamos ambientes



para criar uma visualização dos conceitos de McLuhan. Um canto de aldeia, ruídos de tecnologia, barulhos de uma metrópole, sons de uma máquina de Xerox, entre outros, são alguns exemplos sonoros que enriquecem a série.

Ao redigir os roteiros da nossa primeira série, ‘Da galáxia de Gutemberg para a galáxia da internet’, nos deparamos com dificuldades em isolar os conceitos de McLuhan em programas diferentes e tudo teve de ser repensado. A famosa frase ‘o meio é a mensagem’, originalmente incluída no programa 1, que introduz as ideias mcluhianas, se adequou melhor ao conteúdo do quinto programa, onde apresentamos a galáxia da internet. Sendo assim, os conceitos transitam de um programa para o outro, se repetindo e se complementando. No quarto programa, a ‘Aldeia Global’, tivemos de clarear nosso entendimento sobre o que McLuhan chamava de especialização advinda da globalização. Ao montarmos a pauta, pensamos na segmentação de serviços e produtos como conseqüências da globalização. Após estudarmos um pouco mais os *insights* do teórico, pudemos perceber que nossa percepção primária era divergente de suas falas. Com isso, pudemos entender que durante as outras séries, esse caminho de ida e volta e a transitoriedade entre os roteiros era possível e quase que inevitável.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Conceituar e produzir as séries de *Ouvidoria Científica* foi uma experimentação muito rica para o grupo, no que tange o maior conhecimento do meio rádio, dos métodos e processos, e do próprio conhecimento do conteúdo trabalhado.

Falar de ciência, como também tentar explicá-la, é tarefa que exige mais do que técnicas de jornalismo ou de radialismo. A construção do produto abarca um universo por nós, anteriormente, desconhecido e que deve ser dominado. Justamente por tratar de universos externos aos nossos, já esperávamos falhas e equívocos em nossas produções, como de fato aconteceram. Querer falar de teoria e ciência no rádio é tarefa nobre, mas temos de reconhecer que sem acompanhamento especializado somos passíveis de erros. Devemos contatar especialistas das áreas em que nos propomos trabalhar para dar o aval de toda a informação e certificar de que o ouvinte receberá algo legítimo.

*Ouvidoria Científica* abre caminhos para um novo tipo de produção de conteúdo no rádio brasileiro. Na rádio UFMG Educativa – e possivelmente outras rádios universitárias - tratar

de assuntos de dentro da academia pode não ser novidade. Há produção do departamento de Educação Física, Veterinária, Filosofia, Economia, etc. A diferença está em quem produz esse conteúdo: os programas científicos são feitos, em sua maioria, por estudantes da área tratada, não por comunicólogos. Nossa inversão no papel do produtor neste tipo de conteúdo consegue alcançar outros tipos de rádios educativas, que não podem contar com equipes especializadas.

Reconhecemos também que o rádio, tanto em técnica quanto em conteúdo, é muito mais do que o recorte dado pelo nosso trabalho. Até pela nossa vivência profissional em diferentes veículos, entendemos que a técnica de transmissão ao vivo, sinal de transmissão, concessão de canal e etc., são conceitos e atividades inerentes ao profissional do rádio. Além disso, saber lidar com diferentes conteúdos e formatos, diferente linguagens e públicos são características próprias de um bom radialista. ***Ouvidoria Científica***, nesse sentido, pode ser apenas uma parcela das práticas em tal meio, mas, com certeza, carrega uma bagagem riquíssima de elaboração, produção e montagem de produtos radiofônicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRECHT, B. *Teorias de la Radio*. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol.V, n.2, Mayo/Ago. 2003
- BUENO, W. C. *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1984.
- FARIAS, G. *Linguagem e jornalismo: uma reflexão do discurso radiofônico no ciberespaço*. ECCOM, v. 2, n. 3, p. 52-65, jan/jun., 2011.
- KRIEGHBAUM, Hillier. *A ciência e os meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1970.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MEDITSCH, E. *A nova era do rádio – O discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*. XX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação: Comunicação ao GT Rádio. Santos, 1997.
- OLIVEIRA, F. *Jornalismo Científico*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.